

SER MULHER NA AMBIGÜIDADE/AUTORIDADE MACHADIANA

Anélia Montechiari Pietrani
UFF

“Os séculos desfilavam num turbilhão, e, não obstante, porque os olhos do delírio são outros, eu via tudo o que passava diante de mim, – flagelos e delícias (...). Então o homem, flagelado e rebelde, corria diante da fatalidade das cousas, atrás de uma figura nebulosa e esquiva, feita de retalhos, um retalho de impalpável, outro de improvável, outro de invisível, cosidos todos a ponto precário, com a agulha da imaginação; e essa figura – nada menos que a quimera da felicidade – ou lhe fugia perpetuamente, ou deixava-se apanhar pela fralda, e o homem a cingia ao peito, e então ela ria, como um escárnio, e sumia-se, como uma ilusão.”¹

A figuração narrativa da mulher tem uma longa história.

Branças de neve, belas adormecidas, cinderelas: heroínas sem carne e osso, são princesas à espera de um príncipe, aguardando desejados beijos à meia-luz. Madrastras, bruxas, venenos e maçãs tomam forma: são espelhos que não queremos fitar. Estas figuras, por sua ousadia, nos enlaçam e comovem.

Quando Machado de Assis, na esteira de uma tradição romântica (que corrói), construiu os seus perfis de mulher, tinha um imaginário por readministrar. Na figuração da mulher que encontrou, as fadas e bruxas se deixaram penetrar pela imagem da terra-mãe. Haviam-se tornado fonte de nutrição e formadoras de cidadãos. Como “mátria”, haviam-se transformado em símbolos de uma ideologia e de uma história, escrita e inscrita na construção do estado-nação, pelo viés literário e utópico do romantismo. Machado, com sua sagacidade, vai desmontar esse arsenal “do bem”, invertendo sinais, pervertendo o maniqueísmo e enriquecendo de perspectivas a ficção do feminino.

¹ ASSIS, Machado de. Memórias póstumas de Brás Cubas. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. V. 1. P. 523.

Sou fascinada e instigada pelas “madrastas” da obra de Machado de Assis. Ambíguas, sedutoras e determinadas, elas transgridem os limites da tradição patriarcal que exigia da mulher submissão e dependência totais. Põem abaixo pesados muros da divisão sexual e social de gênero.

Usando estratégias que ocultam/desvelam verdades, o “bruxo do Cosme Velho” tematiza os seus piparotes no leitor. Foge tanto da subjetividade desgrenhada do “leite romântico”, quanto abandona a pretensa objetividade de um “rosbife naturalista”, isso para utilizarmos os saborosos termos do próprio Machado ensaísta².

Tanto como escritor quanto crítico, convida o leitor a participar de seu texto, a rir junto com ele e, zombando de si mesmo, a tomar parte de um processo de significação na qualidade de co-autor. Mas não se enganem. Ele nos submete a impiedoso humor e escarnece da volubilidade apalhaçada de uma sociedade cínica, abalando os critérios de verossimilhança. Recursos que maneja com lucidez e ludismo, num discurso fragmentário, oblíquo e dissimulado, que se beneficia do vazio.

Em suas mãos, nós – seus leitores – tentamos atravessar os (des)caminhos da linguagem da significação e nos embaralhamos na rede de um narrador que dessacraliza crenças e verdades absolutas, assim como intertextualiza posições ideológicas consensuais ou mesmo divergentes. Do mesmo modo, abandona o que desqualificou e dá voltas na estrutura lógica esperada. É desse “narrador volúvel” que fala Roberto Schwarz, em *Machado de Assis: um mestre na periferia do capitalismo*.

² Os termos entre aspas aparecem em uma crônica de A Semana, com data de 25 de dezembro de 1892: “É desenganar. Gente que mamou leite romântico, pode meter o dente no rosbife naturalista; mas em lhe cheirando a teta gótica e oriental, deixa o melhor pedaço de carne para correr à bebida da infância. Oh! Meu doce leite romântico! Meu licor de Granada! Como ao velho Goethe, aparecem novamente as figuras aéreas que outrora vi ante os meus olhos turvos”. (ASSIS, Machado de. *A Semana*. In: *Op cit*, v. 2, p. 563).

Conforme Schwarz, que por mais de vinte anos vem estudando o enlace entre forma narrativa e conteúdo social no texto de Machado, a volubilidade do narrador se caracteriza por um “dispositivo literário [que] capta e dramatiza a estrutura do país, transformada em regra de escrita”³. Como uma forma literária, “re-apresenta” criticamente uma “nação” marcada pelo vício da cópia de modelos estranhos e o conseqüente vício de aplicá-los, mecanicamente, à sociedade, do que vai surgir uma sensação de disparate e incongruência.

Nesse ponto, o crítico acende uma interessante discussão em torno dos universalistas e localistas que tendem a acreditar que Machado é escritor que se preocupa com a natureza existencial e não com a cor local; por isso, acaba sendo considerado bom para uns e ruim para outros. Schwarz abre caminho para entender que o “localismo” machadiano não é o da chave romântica. As palavras de Machado de Assis, no hoje célebre texto sobre o “Instinto de Nacionalidade”, confirmam isso: “um poeta não é nacional só porque insere nos seus versos muitos nomes de flores ou aves do país, o que pode dar uma nacionalidade de vocabulário e nada mais”⁴.

A volubilidade é um detalhe localista na medida em que, através dessa forma narrativa, o conteúdo que se instala é o da inconsistência e da falta de credibilidade, aplicadas tanto ao narrador, quanto à realidade ... “local”. “ ‘O homem de seu tempo e de seu país’ deixava de ser um ideal e fazia figura de problema”⁵. Em sua narrativa, também a “mulher do seu tempo e do seu país” não pode mais ser apresentada como um ideal, passando a ser *figura de problema*.

Essa questão, em Machado, merece especial atenção durante a leitura dos cinco de seus romances ditos de segunda fase: *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881), *Quincas Borba*

³ SCHWARZ, Roberto. *Machado de Assis: um mestre na periferia do capitalismo*. São Paulo: Duas Cidades, 1990. P. 11.

⁴ ASSIS, Machado de. Instinto de nacionalidade. In: *Op cit*, v. 3, p. 807.

⁵ SCHWARZ, *op cit*, p. 11. Schwarz aproveita o termo de Machado de Assis “homem de seu tempo e de seu país”, extraído do referido ensaio “Instinto de Nacionalidade” (Cf. ASSIS, *op cit*, v. 3, p. 804).

(1891), *Dom Casmurro* (1899), *Esau e Jacó* (1904) e *Memorial de Aires* (1908). Neles, a perspectiva aberta pelo romancista, para enfocar a complexidade e pluralidade de aspectos de generização do par homem/mulher, articula-se como tensão e, não mais, como uma rígida dicotomia que separasse, em compartimentos estanques, o feminino e o masculino.

Tecer o masculino e o feminino num processo de erotização do “um-no-outro” é a forma de o autor criticar o sistema de generização da cultura e a construção mítico-ideológica que atribui ao feminino os valores da subjetividade, da emoção e da natureza e, ao masculino, os da objetividade, da razão e do intelecto. Dessa forma, examina sem véus um sistema patriarcal que cristaliza e enclausura a imagem da fêmea no âmbito doméstico, reduzindo-a, e o seu papel, à procriação, à domesticidade e à dependência.

Diante disso, podemos ver como o discurso machadiano estabelece um diálogo com a crítica feminista contemporânea e antecipa certas questões estudadas e analisadas, principalmente, por Teresa de Lauretis⁶, Evelyn Fox Keller⁷ e Rita Felski⁸.

Inscriver o discurso do romancista para além de seu tempo acentua a visão das personagens como exemplos do mistério do feminino, do medo do corpo sujeito à fisiologia cíclica, lunática, do enigma da sedução, da fecundidade, da maternidade. Não há dúvida: são figurações de mulheres fascinantes, mas muito perigosas e tentadoras. Através delas, evidenciam-se o medo e o terror que a mulher poderia causar se obtivesse um papel de significação nesse “lugar cultural pronto” do homem.

As atitudes de Bento Santiago, do romance *Dom Casmurro*, exemplificam esse fascínio e temor, assim como as suas palavras: “Capitu ria alto, falava alto, como se me avisasse; eu

⁶ LAURETIS, Teresa de. A tecnologia do gênero. Tradução de Susana Funck. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

⁷ KELLER, Evelyn Fox. *Reflections on gender and science*. New Haven: Yale University Press, 1985.

⁸ FELSKI, Rita. *Beyond feminist aesthetic: feminist literature and social change*. Cambridge University Press, 1989.

continuava surdo, a sós comigo e o meu desprezo. A vontade que me dava era cravar-lhe as unhas no pescoço, enterrá-las bem, até ver-lhe sair a vida com o sangue...”⁹

Impossível não lembrar a Capitu das madeixas despenteadas. Mais difícil ainda é não lhe associar os cachos às serpentes de Medusa. O desejo que o Casmurro revela, em homologia com os preconceitos de gênero do final do século XIX, é o de decapitar a moça de idéias atrevidas, controlar aquela mulher, através da separação entre corpo e mente. Supostamente traído, Dom Casmurro revela: “Tive tais ciúmes pelo que podia estar na cabeça de minha mulher, não fora ou acima dela.”¹⁰. É essa criatura mui particular, mais mulher do que ele era homem, que – de olhos devastadores – poderá convulsionar o modelo patriarcal nas relações sociais e interpessoais e abalar o “localismo” paternalista das classes dominantes brasileiras.

De fato, os narradores machadianos, como Dom Casmurro, Brás Cubas, Conselheiro Aires – declinados no masculino, convém destacar – parecem ter buscado, através do *status* de autor e de autoridade discursivos, formas de silenciamento da contraparte da história/ da narrativa: Capitu é exilada para o estrangeiro, perde, de uma vez por todas, o direito à voz e sai de cena também como personagem; Sofia nos é apresentada como um prenúncio da cigana oblíqua e dissimulada, de criatura construída como objeto da narrativa, passa a criadora e, exatamente por isso, precisa voltar a ser criatura, adequando-se ao regime do patriarcado, consciente de seu papel de “escrava branca” numa sociedade androcêntrica; Virgília tem a imagem denegrada pelo narrador, que lhe aponta o adultério, enquanto procura mostrar-se superior a Lobo Neves, marido de sua amada e terceiro vértice de um triângulo no qual se acirra a imagem (não casual em Machado, como propõe Antonio Candido¹¹) do homem como lobo do homem.

⁹ ASSIS, Machado de. Dom Casmurro. In: *Op cit*, v. 1, p. 886.

¹⁰ ASSIS, *op cit*, v.1, p. 913.

¹¹ CANDIDO, Antonio. Esquema de um certo Machado de Assis. In: *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1970. Pp. 15-32.

O efeito desse suposto silenciamento é, no entanto, contrário.

A voz feminina machadiana desloca-se da periferia (não do capitalismo, mas da ditadura dos gêneros) para resgatar, do silêncio e do vazio, a história do que a História (com maiúscula) negou e ocultou. Só aparentemente silenciada, esta voz, paradoxalmente, avulta dissonante e perigosa. Sua fala corrói e arruína (como os vermes que roeram as entranhas de Brás Cubas) estruturas, crenças e preconceitos.

Entra em ação um processo de corrosão das verdades-padrão da sociedade. Estratégia que se configura, com extrema força, na temática da maternidade, abordada de forma peculiar por Machado de Assis. Corpo “de escrita”, e só discursivamente real, à mulher costumava ser atribuída a sublimidade do materno que atenuava o temor do feminino. A re-significação e a dessacralização da maternidade se tornam complementos da estratégia machadiana de rasurar o caráter aurático e simbólico da mulher-mãe, que a tradição parecia ter perpetuado.

Fraturando as imagens do ideário romântico da maternidade, a narrativa de Machado reforça a compreensão do mito do amor materno como contingência, como algo que, não sendo da natureza das essências, resulta de uma construção cultural. São vários os ícones textuais que encaminham, de modo complexo, esse tema. Focalizemos, de forma emblemática, o das personagens-mães:

Capitu gera o filho da dúvida, não a dúvida vulgarizada pelo suposto adultério da personagem, mas a que percorre os meandros da masculinidade e da paternidade, já que só se pode ter certeza de Ezequiel ser o “filho da mãe” (podendo valer, aqui, a semelhança com o termo chulo). E filho de uma mãe que traz a dúvida de atender ou não aos ideais do século XIX – ou de rasurá-los. Como não atende, reforça a imagem do temor à mulher que consegue dissuadir o homem da idéia do seminário imposta por sua “santa” mãe; temor à mulher de classe inferior que consegue galgar o muro dos fundos da casa e impor-se em uma sociedade que desejaria vê-la

permanecer imutável, deterministicamente “fruta dentro da casca”; temor à mulher que – à janela – representa a figura da que transpõe as grades aprisionantes da classe social, do gênero e do casamento.

Natividade, de *Esaú e Jacó*, é a mãe que gera conflito. Mesmo sendo apresentada como a personagem “mais mãe” da galeria machadiana, ela é “dobrada” pelas ambigüidades da maternidade: mostra-se preocupada com a educação e a felicidade dos filhos, mas também, como ressalta o narrador, “é duro dizê-lo, mas é verdade”¹², revela-se atrelada aos padrões sociais que a fazem rejeitar a gravidez que deformaria seu corpo.

Desmontados os símbolos oficiais da maternidade, Natividade, apesar do significado etimológico de seu nome, passa a representar bom exemplo do “localismo diminuído”¹³, de que fala Schwarz, ou do localismo psicológico, segundo Rouanet, que afirma que, no texto machadiano, “a cor local se interioriza, e Machado passa a especializar-se no pitoresco das nossas questões de consciência”¹⁴.

Sofia, de *Quincas Borba*, é o exemplo da auto-fecundação. É a mulher que se compraz, narcisicamente, em gerar a si mesma e reconhecer-se perfeita na sua independência e beleza. Ela transgride a “verdade” de um ideal materno instintivo e constitutivo de toda e qualquer mulher. Ao se construir como a que não é mãe, e sequer almeja a isso, quer brilhar aos olhos do mundo e reinar no coração dos homens, optando por gerar uma empresa, em vez de um filho. Da articulação entre o que é feminino e o que é masculino, através dessa personagem, resultam rasuradas a dicotomia excludente de gêneros e a essência de um eterno feminino.

¹² ASSIS, Machado de. Esaú e Jacó. In: *Op cit*, v.1, p. 956.

¹³ SCHWARZ, Roberto. Mesa redonda. In: BOSI, Alfredo (org.). *Machado de Assis: antologia e escritos*. São Paulo: Ática, 1982. P. 329.

¹⁴ ROUANET, Sérgio Paulo. Contribuição, salvo engano para uma dialética da volubilidade. In: ---. *Mal-estar na modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. P. 314.

Para marcar o tom cético e estéril, freqüente em Machado de Assis, é bom considerar a figura de Dona Carmo, que desdiz o ideal materno talvez, paradoxalmente, por guardar em si a sublimidade da maternidade (que não houve). Ela é o melhor exemplo de personagem feminina que poderia preencher os requisitos da mãe perfeita. Mas sobre ela repousa a marca da melancolia. Sem ter gerado seus próprios filhos, é apenas a mãe dos filhos de outras, como Tristão e Fidélia. É, tristemente, mãe da saudade de si mesma, como no parágrafo final do romance, no qual Dona Carmo é abandonada pelos filhos postiços que, rompendo as fronteiras da nação, deixam essa única possibilidade de terra-mãe em sua esterilidade.

Convém citar, ainda, uma última imagem – triste e terrível imagem – do delírio de Brás Cubas. Nele, a glória, o amor, a miséria, a cobiça, a cólera, a inveja, a ambição, a fome, a vaidade, a melancolia sacudiam o homem como um chocalho até destruí-lo como um farrapo. Esse homem buscava a felicidade, feita de fragmentos e ruínas: um retalho de impalpável, outro de improvável, outro de invisível, cosidos todos a ponto precário. Quando pensava encontrá-la, queria cingi-la ao peito, mas ela dele se ria, escarnecendo, e sumia, como uma ilusão.

A felicidade (ironizada por Machado) não traz consigo a imagem simbólica de uma essência alcançável, tão próxima do idealismo romântico, que, harmoniosamente, deveria ser tecida por mãos femininas e maternas. O homem sempre nela busca o aconchego de uma mãe, mas esta que aqui aparece escarnece de quem a imagina um seio que alimenta, uma terra que fixa ou uma mãe que protege. Estéril procura, portanto; pois o texto de Machado de Assis só nos deixa encontrar a ruína soterrada daquilo que forma a vida e circunda os valores humanos: um espectro. A caveira de um morto, de que fala Walter Benjamin¹⁵, ao tratar da alegoria. E, a terrível suspeita – ser mãe ou não ser, eis a questão? – como a que sugere a tabuleta de Custódio:

¹⁵ BENJAMIN, Walter. *Origem do drama barroco alemão*. Tradução, apresentação e notas de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1984.

“tudo são veleidades puras, fugazes; a alegria com a mudança de hoje é só uma brecha para o que não vai mudar amanhã”¹⁶.

¹⁶ PIETRANI, Anélia Montechiari. *O enigma mulher no universo masculino machadiano*. Niterói: EdUFF, 2000. P. 47.